
GRAFITANDO MUROS ESCOLARES, PRODUZINDO TERRITÓRIOS CRIATIVOS¹

TAG SCHOOL WALLS, PRODUCING CREATIVE TERRITORIES

Jeani Delgado Paschoal Moura²

Carina Sala de Moreis³

Vitor Hugo Rodrigues⁴

RESUMO: Este trabalho está fundamentado na interdisciplinaridade e na contextualização do cotidiano, cujo objetivo é utilizar a linguagem do grafite para transformar os muros escolares em territórios criativos que instiguem reflexões sobre os dilemas socioambientais de nosso tempo e colaboram para a redução das degradações nos muros escolares provocadas pelas ações de pichadores que produzem “territórios subversivos”. Por meio da metodologia qualitativa se buscou desvendar o envolvimento de professores e alunos e as suas diferentes formas de expressão e elaboração de significados no contexto de práticas pedagógicas. Os resultados demonstraram a natureza criativa do grafite e seu potencial pedagógico, cuja multiplicidade imagética segue ao ritmo próprio das culturas urbanas contemporâneas pelo nível de abrangência e poder de crítica social que produz.

Palavras-chave: Grafite. Pichação. Ambiente. Territórios. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: This work is based in nature and in the Interdisciplinarity, utility chove purpose is to use the language of graphite to transform the walls creative territories school in that instigate reflections on the environmental issues of our time and collaborate to the reduction of deterioration in school caused by walls actions vandals producing ‘subversive territories’. Through the qualitative methodology if sought to unravel the involvement of teachers and students and its different forms of expression and elaboration of meanings in the context of teaching practices. The results demonstraram the creative nature of graffiti and its educational potential, whose multiplicity follows the imagery of contemporary urban cultures rhythm by the high level of breadth and power of social criticism which produces.

Key words: graphite. vandalism. Environment. Territories. Interdisciplinarity.

1 Artigo originalmente apresentado no I Sintercria – Simpósio Internacional “Territórios Criativos: oportunidades e ações”, Universidade Estadual Paulista/UNESP, Campus de Rio Claro/SP, dezembro de 2013.

2 Prof^ª Dr^ª do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina/UEL, Coordenadora de Área do PIBID de Geografia da UEL. E-mail: jeanimoura@uol.com.br

3 Especialista no Ensino de Geografia, pela Universidade Estadual de Londrina/UEL. E-mail: carina_c_sm@hotmail.com.

4 Graduado em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas e Pós- Graduado em Estética e História da Arte pela UEL. Prof. do Colégio Estadual Maestro Andréa Nuzzi, Cambé/PR. E-mail: macrobiose@yahoo.com.br

Artigo recebido em novembro de 2015 e aceito para publicação em dezembro de 2015.

INTRODUÇÃO

O grafite, presente na sociedade em diferentes espaços e tempos, reflete a percepção do artista ao criar imagens do mundo vivido e suscitar diferentes leituras pelos seus interlocutores. Ao acentuar a singularidade dos espaços vividos, o artista-grafiteiro trabalha com a consciência de pertencimento ao lugar e propõe, de forma imagética, uma reflexão sobre a condição humana e o lugar dos sujeitos no mundo, buscando vencer os pré-conceitos e os estereótipos comuns na sociedade. A relação do grafite com os temas cotidianos é balizada pela sua criação como *street art* ou arte de rua vivenciada por determinados grupos sociais que dialogam com o espaço urbano por meio da expressão de sentimentos e valores atribuídos aos lugares, transformando-os em cenários que educam. Como manifestação de rua, a origem do grafite está associada ao *hip-hop*, como se fosse a reprodução imagética do mesmo. Existem centenas de projetos sociais que utilizam-se dessa cultura como forma de inclusão, educação e cidadania.

Esta pesquisa buscou compreender a linguagem popular do grafite e o seu potencial pedagógico. Fruto de um trabalho interdisciplinar entre Geografia e Arte, se desenvolveu no diálogo mobilizado pela associação entre a linguagem do grafite e as temáticas socioambientais, com foco na representação do espaço geográfico. As motivações para utilizar o grafite se explicam pelo potencial desta linguagem em comunicar, de forma criativa e crítica, temas cotidianos, com significados nos diferentes contextos vividos. O espaço e o tempo são categorias presentes na arte do grafite, o qual ao transformar os muros escolares em territórios criativos instiga reflexões sobre os dilemas socioambientais e, ao mesmo tempo, potencializa a redução das degradações nos muros escolares provocadas pelas ações de pichadores que produzem “territórios subversivos”.

A metodologia foi balizada pela ideia de *street art* ou arte urbana em que o artista aproveita espaços públicos, criando uma linguagem intencional dialógica, ou seja, em cada parte, o grafite torna os muros sociais e visíveis, e elimina a noção de posse da obra ao manter o diálogo entre o transeunte e o poder público. Ao resgatar o verdadeiro conceito de público, revigora a cidade, dá um novo valor simbólico e transforma o espaço urbano.

Entre as ações desenvolvidas neste projeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, foi promovido um concurso de desenhos e croquis com temáticas socioambientais envolvendo alunos de dois colégios públicos do Núcleo Regional de Ensino, em Londrina, PR. Os desenhos escolhidos foram grafitados nos muros pelos próprios alunos em oficina ministrada por professores de Arte e de Geografia.

A ARTE DO GRAFITE

As imagens, como campo de estudo da Arte, não revelam o mundo, mas, ao contrário, permitem que nos revelemos nele. O artista dá um novo significado ao mundo construindo efeito de sentido, detectando qualidades do mundo natural, que vão além de suas representações. As imagens contidas na publicidade, nas embalagens, na moda, nas mídias eletrônicas, no jornalismo e em todos os segmentos da sociedade contemporânea estão presentes em nossas vidas e estimulam a nossa percepção visual. Instruir visualmente, não só como forma de percepção imagética, mas como meio de decifração dos códigos visuais (linhas, cores, planos, dimensões etc.) é papel destinado ao ensino da Arte.

Como linguagem urbana o grafite é considerado inclusivo no âmbito das artes visuais, mais especificamente, na *street art* ou arte urbana, em que o artista aproveita espaços públicos, criando uma linguagem intencional para interferir na cidade. Esta estética está intimamente

ligada aos valores e às ideologias do fenômeno cultural conhecido como pós-modernidade (HARVEY, 1992; LYOTARD, 1979). A velocidade e a multiplicidade imagética do grafite seguem ao ritmo próprio das culturas urbanas contemporâneas, pela necessidade de uma representação da mesma, pelo nível de abrangência e poder de crítica social que produz.

Por demandar significativo interesse dos jovens, o grafite é uma ferramenta de mobilização social. Segundo Satão do Coletivo DF Zulu (2013), de Ceilândia, em Brasília, o grafite traz uma ideologia para a transformação social da comunidade porque ensina a pensar e mostra que o pensamento vale a pena. É uma cultura de alternativas e uma manifestação cultural. Utilizado como denúncia urbana, transmite mensagens, humanizando e transformando a cidade, e resgata a identidade e a valorização da periferia, transformando o cinza e o pálido em cores vivas de uma força inigualável. Com a necessidade de comunicação o grafite torna os muros sociais e visíveis, nele a noção de posse da obra é eliminada pelo potencial dialógico entre o transeunte e o poder público. Em depoimento nas redes sociais o grafiteiro e artista plástico Zézão diz: “Enxergo minha arte como um curativo da cidade. Esse é o sentido do grafite para mim. Levar a arte para as pessoas que habitam os rincões esquecidos da metrópole é quase o exorcismo do lugar”. O artista citado procura sempre locais vazios, abandonados, *backgrounds* deteriorados para conduzir a sua arte. Conhecido pelos grafites azuis em locais subterrâneos, ele dá cor aos “intestinos e vísceras” de São Paulo. Tal artista é um exemplo da arte contemporânea, por usar a criatividade para revitalizar territórios excluídos da cidade. A relação do grafite com os temas cotidianos é balizada pela sua produção como arte de rua (GITAHY, 1999) que potencializa reflexões sobre o ser-estar-no-mundo-vivido.

Com linguagem que expressa os sentimentos e valores atribuídos aos lugares, com seus atributos físicos e humanos, objetivos e subjetivos, a arte de grafitar provoca uma interação com a cidade, como *street art* modifica o espaço vivido pelos moradores de determinadas localidades. “[...] aprender com a cidade, que significa facilitar e socializar o processo de aprendizagem com o recurso da cidade, porque os alunos poderão articular os conceitos científicos em redes de significados, e em diferentes áreas de conhecimento escolar” (CALLAI; CASTELLAR; CAVALCANTI, 2007, p. 105). O grafite pode compor a paisagem da cidade de forma educativa, como colocam Furtado e Zanella (2009, p.1281-1284), pois este “[...] desenha palavras, imagens, usa e abusa do espaço urbano e o corpo se enlaça em uma coreografia diferente. Reencantam-se os espaços, recriam-se sujeitos e as possibilidades do diálogo entre expressões artísticas, cidade e vivência cotidiana”.

Através de imagens, o grafite incita a refletir sobre o cotidiano vivenciado no urbano, como Boys e Austry (2008) colocam, favorecendo o contato direto do homem em três etapas distintas que se relacionam: com ele mesmo, com o próximo e com o mundo. O grafite desperta a atenção pela sua qualidade visual e potencial reflexivo, ao mesmo tempo em que contribui para a revitalização de muros e outros territórios, transformando-os em paisagens e ambientes agradáveis para apreciar, estar e experienciar. O artista contemporâneo Vik Muniz persegue como objetivo principal de seu trabalho o desenvolvimento da sensibilidade do olhar, tarefa que executa trabalhando ora com elementos da natureza, ora com a transformação de matérias-primas, resíduos, entre outros. Para ele

A paisagem é como o homem internaliza a natureza. Nós possuímos certas limitações de sentidos que fazem com que o meio ambiente assuma um aspecto simbólico e linguístico e possa ser compreendido. Acho que a ideia de você criar uma situação onde você pode lidar com aspectos dessa discussão de uma outra forma, cria-se uma possibilidade de você começar a entender que existem alternativas. (MUNIZ, 2012, s/p)

A arte hoje é vista mais como processo do que produto, sendo possível por meio desta linguagem apropriar-se de representações sobre o ambiente em busca da revitalização de espaços e da criação de territórios alternativos, dando novo sentido as coisas existentes, sendo o grafite uma das formas possíveis. Portanto, essa linguagem é uma ferramenta educacional interdisciplinar que pode instaurar o diálogo (SEVERINO, 1996; ANDRADE, 2002) e transformar o lugar e o seu entorno em território criativo.

A arte do grafite dialoga com os transeuntes independentemente da classe econômico-social a que pertence ao resgatar a cultura, a valorização e a transformação dos lugares. Na perspectiva freiriana, o diálogo “[...] é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado [...] é encontro de homens que pronunciam o mundo, [...] É um ato de criação (FREIRE, 1987, p. 45).

A arte do grafitar potencializa o diálogo através do ‘encontro de homens que pronunciam o mundo’, indispensável para a conquista de um pensamento autônomo que favoreça o agir no lugar onde se vive, em diferentes direções. Esta arte, via de regra, aborda o cotidiano do espaço urbano, pois é difícil pensar em grafite e não o relacionar às cidades, onde surgiu como forma de expressão dos cidadãos. Ao tratar das experiências vividas pela população, o grafite se converge em meio de aprendizado e estimula a percepção humana pela observação e sensibilização, ambas propulsoras do conhecimento. Para Morin (1991; 2003) o conhecimento pertinente enraíza-se em um contexto, dessa forma, o grafite como *street art* permite estampar a identidade cultural, em suas diferenças e particularidades, se colocando como uma linguagem importante para interpretação da realidade, em diferentes contextos geográficos. Esta forma de identificação cultural leva o ser humano à compreensão do outro pela empatia, desenvolvendo a capacidade de estar no lugar do outro e perceber o mundo mediante outros olhares. Para Morin (2003) a empatia é uma condição para a convivência pacífica e o aprendizado social de ser e con-viver.

Ao focar em temas da vida cotidiana o grafite provoca pontos de tensão, pois denuncia ideias preconceituosas, estereótipos e julgamentos pré-estabelecidos, transformando as paisagens urbanas em cenários educativos.

O GRAFITE NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O grafite rompe a lisura do muro e a “limpeza” estética. A ideia de produzir muros enquanto territórios criativos partiu da necessidade de comunicar ações realizadas nos intramuros escolares. Algo que provocasse a reação nas pessoas e impactasse pelo seu chamamento visual. O temário que entremeou o diálogo se pautou no consenso da necessidade de se preservar o ambiente escolar e entorno. Para Moura e Hirata (2013), a Educação Ambiental é um processo pelo qual se constrói valores, hábitos e atitudes necessárias ao convívio social em equilíbrio com os ambientes. Esta deve ser desenvolvida nos espaços de vivência, permeados por uma visão que perpassa a inter-relação com espaços mais amplos. Numa perspectiva holística, estes autores propõem uma análise integradora do meio ambiente, na íntima relação entre seus elementos, considerando o homem como parte deste.

Atualmente, é comum observar ações e enfrentamentos para que possamos viver em um lugar limpo, saudável e durável. É possível recompor, pedagogicamente, a interdependência inerente aos diversos elementos do ambiente, por vários caminhos imbricados numa troca de saberes plurais advindos da cultura, da ciência e das vivências em seus diferentes contextos (MOURA; HIRATA, 2013). A biodiversidade do planeta é grande, para preservá-la são necessários mecanismos que provoquem mutuamente o intelecto e a sensibilidade, ou seja, modifiquem os modos de ver, sentir e significar o mundo para explicá-lo e nele agir.

Com estes objetivos nasceu a parceria entre o ensino de Arte e de Geografia e o grafite representou a linguagem propícia para esta interação, permitindo potencializar uma educação politizada e voltada para a intervenção social. O projeto aplicado nos colégios estaduais, em Londrina/PR e em Cambé/PR, teve como objetivo trabalhar o grafite como expressão artística, desenvolvendo a leitura estética das imagens, contextualizando a Arte como fato histórico, interagindo com as diversas possibilidades e materiais na produção de imagens, tendo como base os muros dos referidos colégios.

Com a meta de desenvolver a análise crítica do aluno, não só na construção de uma identidade visual, mas em sua formação como sujeito, o grafite foi trabalhado com foco na revitalização dos ambientes, abordando temas transversais contemporâneos como, meio ambiente, prevenção das drogas, abuso infantil, entre outros. A pesquisa pautada na observação participante e em conversas informais com os alunos durante atividades com o grafite, permitiu desvendar o envolvimento entre os pares e compreender as suas diferentes formas de expressão e elaboração de significados no contexto das práticas pedagógicas voltadas a ideias de sustentabilidade (ECHEVERRI; MUÑOZ, 2014).

Os temas sobre meio ambiente e cidadania foram desenvolvidos pelos alunos por meio de esboços e desenhos, etapa preparatória para a criação dos grafites nos muros externos e internos dos referidos colégios. Antes da produção dos desenhos foi realizado um trabalho de mobilização e conscientização com os temas propostos, gerando uma composição visual de cada tema abordado, com a produção de trabalhos significativos, além da interação entre os pares alcançada nos momentos de aprendizagem. O concurso de desenhos aconteceu em uma fase anterior ao grafite, em que os alunos foram convidados a expressarem as suas visões relativas às questões socioambientais por meio da expressão gráfica, como pode ser observado nos exemplos da figura 1.

Figura 1: Representações gráficas – percepções sobre o ambiente. Por alunos do colégio estadual em Cambé/PR.



Fonte: MOREIS (2013)

Com a oficina de grafite, abordando a técnica e a teoria, os alunos produziram vários murais com o propósito de dar vida ao lugar. Um dos alunos envolvidos no trabalho demonstrou indignação ao observar situação precária do muro afirmando que os mesmos “estavam sujos, rabiscados e abandonados”. Pelas falas, risos, expressões foi possível perceber a satisfação dos alunos em contribuir com a melhoria do espaço escolar, fazendo deste, um importante meio de aprendizagem socioambiental.

No colégio em Cambé, PR, foi proposto a revitalização da sala ecológica ao ar livre, a qual se encontrava em situação de abandono e deteriorada pelos próprios alunos, visualmente era um lugar “feio”. Como parte do planejamento de revitalização que incluía a limpeza do local, o plantio de mudas de árvores, a pintura das mesinhas e a reforma do quadro de giz, foi inserida a proposta da oficina de grafite nos muros que cercam essa área.

Uma aluna perguntou porque não pintar todos os muros da escola para que esta “ficasse colorida e alegre”, momento em que foi explicado sobre o investimento necessário para desenvolver o projeto em toda a escola, mas que poderia ser uma meta a médio prazo.

A oficina foi satisfatória ao permitir que o lugar restaurado voltasse a ser frequentado pelos alunos e professores. Após meses para a finalização do trabalho, os ambientes grafitados continuam dando vida ao lugar e não se observou mais atos de vandalismos, pois os alunos se empoderaram daquele espaço, porque desenvolveram o sentimento de pertença.

Na sequência das figuras é possível observar o processo de produção dos grafites.

Figura 2: Processo de criação: do croqui ao grafite. Por alunos do colégio estadual em Cambé/PR.



Fonte: MOURA (2013)

A figura 2 mostra imagens grafitadas no muro interno do colégio localizado Cambé, PR, em um ambiente antes com aparência sombria e de abandono. As cores do grafite e suas mensagens permitiram uma mudança significativa no ambiente, levando “alegria e vontade de ficar contemplando”, como afirmou um dos alunos. Nesta figura os alunos-grafiteiros dão centralidade ao planeta Terra, ao desconsiderar a sua localização no sistema solar, e exagerarem na representação de seu tamanho em relação aos demais planetas, evidenciando a sua importância no espaço sideral.

No colégio em Londrina, PR, a proposta foi feita nos muros externos da escola. O colégio fica na região central em uma área movimentada onde transitam muitas pessoas. A proposta foi a de revitalizar o lugar dando vivacidade e transformando em uma galeria “urbana”, fruto do trabalho de conscientização e mobilização crítica e social, um enorme porta-voz imagético para a cidade.

Figura 3: Processo de criação: do croqui ao grafite. Por alunos do colégio estadual em Londrina/PR.



Fonte: MOREIS; MOURA (2013)

Figura 4: Processo de criação: do croqui ao grafite. Por alunos do colégio estadual em Londrina/PR.



Fonte: MOREIS; MOURA (2013)

Figura 5: Processo de criação: do croqui ao grafite. Por alunos do colégio estadual em Londrina/PR.



Fonte: MOREIS; MOURA (2013)

Nas figuras 3, 4 e 5 as imagens grafitadas no muro externo do colégio mostram temas contemporâneos fundamentais e potencializam a comunicação com a comunidade externa. A figura 3 apresenta o pulmão da natureza, em sentido figurado, se petrificando pelo intenso processo de industrialização e urbanização. A figura 4, mostra o olhar, remetendo a subjetividade dos passageiros e transeuntes, cada um, da sua maneira, carregam consigo fragmentos de Londrina, são imagens nascidas da experiência de viver e habitar na cidade. A figura 5, remete a ideia de um ser superior estendendo a sua mão para segurar a de uma criança, cuja fragilidade necessita dos cuidados do seu Criador para mitigar os problemas irreversíveis causados na Terra.

Esta experiência permitiu que os alunos participassem de ações de intervenção na escola, extrapolando os conteúdos teóricos vistos em sala de aula e intervindo de forma consciente na realidade local (CALLAI, 2000). Os mesmos perceberam o potencial do grafite na transformação e humanização dos espaços urbanos, pois, “todas as cidades educam, à medida que a relação do sujeito, do habitante, com esse espaço, é de interação ativa e dialética, e suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nessa interação (CALLAI; CASTELLAR; CAVALCANTI, 2007, p. 106). O grafite embeleza, confronta a cidade em suas contradições e dá um novo sentido, criando territórios reflexivos. Esta experiência abriu possibilidades para transformar o entorno da escola em lampejos de uma cidade educadora. No 1º Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona, em 1990, deu-se início a escrita da Carta sobre os princípios de uma cidade educadora que “[...] Favorecerá la libertad de expresión, la diversidad cultural y el diálogo en condiciones de igualdad. Acogerá tanto las iniciativas de vanguardia como las de cultura popular, independientemente de su origen” (Carta de Ciudades Educadoras, 2004, p. 2).

A revitalização dos muros escolares foi, extremamente, significativa para a comunidade escolar por agregar valor ao ambiente e projetá-la para além de seus muros, num diálogo profícuo com a comunidade de seu entorno. Segundo a associação DF- Zulu (2013), que trabalha com a revitalização dos muros de escolas por meio das atividades de grafite, “A escola faz parte da comunidade, e promover a revitalização gera um retorno, a valorização desse espaço. Procuramos transformar a escola em um ambiente em que os jovens se sintam bem e empoderados do espaço de aprendizagem. No final é a valorização da própria comunidade”. As experiências relatadas em ambos os colégios comprovam essa afirmação.

Por meio do trabalho com temas transversais e contemporâneos, os muros se tornaram uma vitrine de conscientização. Todas as cidades educam, à medida que a relação do sujeito, do habitante, com esse espaço, é de interação ativa e dialética, e suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nessa interação. Em todo o processo de produção, da grafia à grafite, pôde-se experienciar as potencialidades do trabalho interdisciplinar nos ambientes escolares (FAZENDA, 1991), em que os alunos vivenciaram momentos importantes de troca de saberes, compreendendo que a ciência é una e múltipla ao mesmo tempo e que os conhecimentos advindos da experiência mantêm forte relação de complementaridade. Nas palavras de Moura

Apesar dos avanços no campo da Geografia e demais ciências, as linguagens ainda são tratadas em sala de aula como campos fechados e estanques, como se fosse possível fragmentá-las em ramos específicos do conhecimento. Assim, a Literatura e as formas narrativas ficam fechadas em uma mesma disciplina; o mesmo acontece com a Arte, a Música etc., quando poderiam estar associadas às mais diferentes disciplinas escolares e acadêmicas como meio de construir maior autonomia do aluno frente aos conteúdos de ensino. (MOURA, 2010, p. 142)

Autonomia se constrói mediante exercício profundo da criatividade e do pensamento crítico. Nesse sentido, o grafite se mostrou uma linguagem estimuladora e potencializadora de aprendizagens significativas, impulsionando saberes mais democráticos e abertos à diversidade. Os resultados deste trabalho empírico demonstraram que é na prática do fazer pedagógico que se manifestam diversos saberes da experiência e sua necessária interlocução para compreender e transformá-lo, ao mesmo tempo em que promove “a dimensão do sensível [que] nasce de um contato direto e íntimo com o corpo e é a partir dessa experiência que se constrói progressivamente, no praticante, uma nova natureza de relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo, e o surgimento de uma nova forma de conhecimento; uma relação que podemos qualificar de criativa [...]” (BOYS; AUSTRIA, 2008, p. 147).

O acompanhamento do trabalho permitiu observar a mobilização dos alunos em um exercício de pensar os temas propostos e representá-los, dando-lhes significados a partir de suas próprias vivências e experiências com os dilemas ambientais. Pode-se constatar que os alunos conseguiram trabalhar em grupo, compartilhando não somente os instrumentos de trabalho, mas também ideias e reflexões acerca de suas representações. O trabalho com os grafites mostrou a sua potencialidade para o desenvolvimento da interdisciplinaridade por meio do diálogo entre saberes.

Pelo grafite evidenciou-se a importância do diálogo entre as ciências humanas e as artes, que tratam de temáticas diretamente ligadas à cotidianidade, com potencial para desenvolver um olhar estético. Ao conduzir reflexões sobre a identidade cultural do lugar, o grafite tem potencial educativo para a população, como quer Buttimer, uma “educação no lugar”.

[...] pode ser pedagogicamente mais provocativo e praticamente mais exequível
[...] Um estilo de vida comunitário orientado para a autoeducação a respeito

dos horizontes de alcance das pessoas, em constante transformação, atividades sistêmicas e tecnologia, seria uma catálise poderosa para desenvolver hábitos cívicos de compartilhamento e descoberta do quanto a saúde e a felicidade de indivíduos e comunidades pode ser aumentada apenas permitindo que as pessoas contribuam com o todo. (BUTTIMER, 2005, p.16-18)

Esta educação construída à luz de instrumentos como o grafite estimulam a sensibilidade estética e o sentido de pertença sobre o lugar onde as pessoas vivem, gerando, concomitantemente, um sentimento planetário de pertencimento à Terra enquanto a nossa grande morada (MORIN, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, foi possível constatar que os espaços podem ser transformados em ambientes educativos nas instituições de ensino, locais onde os alunos podem frequentar, se relacionar em áreas transformadas por eles e para eles, mesmo que estes não tenham consciência sobre o assunto. Também foi possível perceber a importância de se conceber as cidades como ‘educadoras’ (BERNET, 1990), pois uma cidade pode ofertar reflexão aos seus cidadãos, pois educação e cultura não se aprendem somente nas escolas, mas em todos os lugares que uma pessoa frequenta.

O grafite é uma linguagem que pode transformar não somente os espaços físicos de uma cidade, mas também as pessoas que vivenciam estes espaços grafitados, pois os mesmos comunicam e ativam o pensamento sobre o conteúdo que deseja comunicar, oferecendo tanto ao criador, quanto ao espectador, uma forma diferenciada de ler a cidade, o bairro, as ruas e os muros escolares, como desejamos demonstrar nesta pesquisa.

Em ambas as escolas os muros estavam bem deteriorados e sem vida, com a proposta finalizada houve tanto uma mudança física, quanto moral, pois os ambientes permaneceram intactos. Segundo Marin (2013) “Hoje a maioria das escolas parecem verdadeiros presídios, perdendo o valor simbólico. A revitalização causa identidade no jovem. O fato do graffiti ser usado em sala de aula devolve e demonstra valor pelo conhecimento gerido pela comunidade. É a valorização da cultura periférica criada na comunidade”.

É importante ressaltar que não só no ato comportamental ocorreu mudanças, como também no intelectual, o conceito de Arte também mudou, os alunos passaram a acreditar que esta não é só focada na produção de objetos artísticos como uma tela ou uma escultura e sim como uma manifestação intelectual do indivíduo. Somos seres pensantes, produzimos sentidos, os alunos vêem agora a Arte como uma ferramenta que aguça a inteligência. Todo o aprendizado se bem encaminhado pode trazer mudanças reais nas atitudes e comportamentos das pessoas e quanto antes começar esta mudança, melhor.

Acreditamos que essa experiência ficará marcada em todos nós. A relação professor, escola, aluno e pais se torna, gradativamente, qualitativa quando nos propomos a dar um passo para a mudança. Esta experiência que ousou um trabalho na interface do conhecimento, mostrou que existem possibilidades para uma educação de qualidade para os nossos alunos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **A patologia do saber e a interdisciplinaridade**. São Paulo: Vozes, 2002.
BERNET, J. T. Introdução. In: E. A. Educadores. **La Ciudad Educadora**, La Ville Éducatrice Barcelona, Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1990. p. 6-21.
BOYS, D.; AUSTRY, D. A emergência do paradigma do sensível. **Bioethikos**. Centro

Universitário São Camilo, 2008, v.2, p. 146-162.

BUTTNER, A. Lar, Horizontes de Alcance e o sentido do lugar. Revista Trad. Letícia Pádua. **Geograficidade**, v.5, n.1, Verão 2015.

Disponível em:

<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/214> Acesso em: 10 maio 2015.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-92.

CALLAI, Helena C.; CASTELLAR, Sonia V.; CAVALCANTI, Lana de S. Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil. **Terra Livre**, ano 23, vol. 1, n. 28, p.91-108, Presidente Prudente, SP: AGB, 2007.

CARTA DAS CIUDADES EDUCADORAS. Gênova (2004). Disponível em:

http://www.bcn.cat/edcities/esp/carta/carta_ciudades.pdf Acesso em 15 nov. 2015.

DF Zulu. **Viver em Brasília**. Blog. Disponível em: <http://viverembrasil.com.br/df-zulu-breaks-no-viver-em-brasil/> Acesso em: 20 nov. 2013.

ECHEVERRI, A. P. N. de; MUÑOZ, J. A. P. Cuerpo-Tierra: epojé, disolución humano-naturaleza y nuevas geografías-sur. **Geograficidade**, v. 4, n.1, Verão 2014.

Disponível em:

<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/165/pdf> Acesso em: 10 maio 2015.

FAZENDA, Ivani C. **Práticas interdisciplinares na escola**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **A dialógica: essência da educação como prática de liberdade**. In: _____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 44-69.

FURTADO, J. R. ZANELLA, A. V. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 9 n. 4. p. 1279 – 1302, dez. 2009.

GITAHY, C. **O que é Graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MARIN, Guilherme. **Mídia dia a dia**. Disponível em:

<http://midia-dia-a-dia.ivoz.org.br/author/guilherme/page/2/> Acesso em: 26 nov. 2013.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8 ed. São Paulo: Cortez, Brasília/UNESCO, 2003.

MOURA, Jeani D. P.; HIRATA, Carlos Alberto. Educação Ambiental em Debate. **Revista Prodência**, UEL, Londrina, n.5, v.05, jul-dez, 2013.

_____. O Professor de Geografia na Contemporaneidade: Complexidade, Pluralismo e Desafios para a sua Formação. 299 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista. Campus de Presidente Prudente. Orientador: João Osvaldo Rodrigues Nunes. Presidente Prudente, São Paulo, 2010.

MUNIZ, Vik. **Entrevista ao Terra - Rio+20**. 16 de junho de 2012. Disponível em: <http://www.mercadoarte.com.br/artigos/artistas/vik-muniz/vik-muniz/>

Acesso em: 20 nov. 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: O saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, Ivani C. (org.). **Didática e a Interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 1996. p.31-44.